

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG (COM EDUARDA ESPOSITO)
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Efeito colateral

Especialistas em relações internacionais consideram que a invasão dos Estados Unidos à Venezuela torna mais difícil a negociação pelo fim da guerra na Ucrânia. “Moscou tende a interpretar essa ação como confirmação de uma postura mais intervencionista de Washington, o que endurece posições e reduz o espaço político para concessões na guerra contra a Ucrânia. As negociações não acabam formalmente, mas entram em modo de congelamento prolongado”, avalia o professor João Vitor Cândido.

Há discurso

Na visão de João Vitor Cândido, uma ameaça ao Brasil vinda dos EUA não está descartada a longo prazo, mas de outra forma: “O discurso de segurança transnacional dos EUA tende a se ampliar, especialmente no combate ao narcotráfico, crime organizado e financiamento ilícito. O risco não é militar, mas político e jurídico, com maior pressão por cooperação, enquadramentos legais mais duros e vigilância internacional. O Brasil será cobrado como ator-chave regional, não como alvo, desde que mantenha controle institucional e cooperação ativa”, disse.

Lula quer é paz

Defensor ferrenho da soberania dos países, o presidente Lula repisará esse discurso, mas buscará o diálogo com os Estados Unidos e com todas as nações. Especialmente, neste ano eleitoral. A fala de 8 de janeiro será incisiva no quesito soberania, mas, na avaliação do Planalto, não pode ser confundida com bater de frente com Donald Trump. Isso Lula não fará.

Legislativo combativo

Ainda de recesso, o presidente da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional da Câmara, deputado Filipe Barros (PL-PR), se prepara para convocar o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, e o assessor especial Celso Amorim, para “dar esclarecimentos quanto ao posicionamento do Poder Executivo” no Conselho de Segurança da ONU nesta semana.

Defesa & ataque

A independência do Banco Central ganha corpo nesta largada de 2026, com a oposição e frentes parlamentares ligadas aos setores produtivo e financeiro em campo para defender o Bacen. O ano legislativo, aliás, tende a começar com pressão total por uma CPMI para investigar o Master e mostrar que os malfeitos estão no banco de Daniel Vorcaro, e não no Banco Central. À coluna, o presidente da Frente Parlamentar de Comércio e Serviços, deputado Domingos Sávio (PL-MG), por exemplo, afirmou que o que está acontecendo com o Brasil é “surpreendente e triste” e, na toada em que se encontra, com o Tribunal de Contas da União entrando nessa história, daqui a pouco vão querer punir um diretor do BC.

Veja bem/ A oposição, desde já, está cobrando os líderes por indicações ágeis e sérias na formação da CPMI. O medo é que os partidos aliados a Vorcaro segurem a instalação demorando a definir os nomes dos membros ou indicando parlamentares a serviço do banqueiro.

Até aqui, tem muita gente considerando esquisita essa pressão do TCU sobre o Banco Central. Ninguém se convenceu ainda de que essa interferência do Tribunal é pelo bem da Nação. Muitos políticos consideram que a atitude vai mais pelo bem de Daniel Vorcaro.



CURTIDAS

Última agenda?/ Na iminência de deixar o Ministério da Justiça, o ministro Ricardo Lewandowski pretende fazer da cerimônia dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro sua última agenda oficial de governo. Fontes afirmam que Lewandowski pode deixar a pasta ainda nesta sexta-feira.



Neutralidade/ Tem um objetivo político as ausências do presidente da Câmara, Hugo Motta (foto), do Republicanos, e do Senado, Davi Alcolumbre (UB-AP), nos atos desta quinta-feira para relembrar o 8 de Janeiro de 2023. É que ambos pretendem conquistar os votos da direita para a reeleição, em outubro. E, sabe como é, enquanto o cenário eleitoral estiver nebuloso, eles vão jogar nas duas pontas e tentar se firmar ao centro.

Aliás.../ Motta vê surgir adversários por todos os lados. No PP, tem muita gente apostando no nome do líder Doutor Luizinho (RJ) para concorrer no lugar de Hugo.

Bolsonarismo em fúria/ O acidente com o ex-presidente Jair Bolsonaro durante a madrugada de terça-feira na sala da Polícia Federal onde está preso deixou os aliados alertas e bravos. Segundo os bolsonaristas, houve boicote à saúde de Bolsonaro. “É um absurdo o que está sendo feito com o presidente”, disse à coluna o líder da oposição na Câmara, Cabo Gilberto (PL-PB).

ESPLANADA/ Titular da pasta da Justiça e da Segurança Pública, Lewandowsky quer mais tempo com a família, enquanto Fernando Haddad, da Fazenda, pretende colaborar com campanha para reeleição de Lula

Ministros pedem para sair

» FERNANDA STRICKLAND

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) enfrentará uma reorganização no primeiro escalão do governo. Pelo menos dois ministros comunicaram ao chefe o desejo de deixar seus cargos ainda neste início de ano, o que impõe ao Planalto decisões rápidas sobre a recomposição da equipe. O ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, deve deixar o cargo até sexta-feira. Ele já havia antecipado aos secretários da pasta, no mês passado, que deixaria o cargo em janeiro.

Segundo fontes ligadas ao governo, Lewandowski conversou com Lula no fim do ano passado. O dia da saída ainda depende do aval de Lula. Segundo interlocutores, o ministro quer aproveitar a aposentadoria.

Pessoas próximas ao ex-ministro do Supremo Tribunal Federal dizem que ele está cansado, com a sensação de ter feito tudo o que poderia fazer à frente do cargo, e que precisa de mais tempo com a família, que sente a sua falta. Eles avaliam que o último ano de mandato, em que as atenções da classe

política se voltam para as eleições, é mais político e tem menor oportunidades para aprovar e implementar novos projetos.

Lewandowski deixa como legado iniciativas na área da segurança, mas que não chegaram a ser aprovadas por completo no Congresso Nacional. A principal é a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) da Segurança Pública, que amplia as atribuições da Polícia Federal e da Polícia Rodoviária Federal, reforça o combate à criminalidade e insere na Constituição os fundos nacionais de financiamento do setor, além de consolidar o Sistema Único de Segurança Pública.

No entanto, o texto foi esvaziado pelo relator da Câmara dos Deputados, Mendonça Filho (União-PE), que apresentou, em dezembro, um parecer com alterações profundas em relação à proposta original, incorporando dispositivos que remetem a uma versão híbrida do projeto antifacções em tramitação no Senado.

Comando da economia

Outro ministro que manifestou ao presidente o desejo de

José Cruz/Agência Brasil



Para Fernando Haddad (E), campanha eleitoral é incompatível com o cargo. Lewandowski se diz cansado

deixar o cargo é Fernando Haddad, da Fazenda. Haddad havia informado que sairia da pasta

para colaborar com a campanha de reeleição de Lula. “Eu manifestei o desejo de colaborar com

a campanha do presidente Lula. Isso é incompatível com ser ministro da Fazenda. Não tem

como colaborar com a campanha no cargo de ministro da Fazenda. Se o meu pleito for atendido de alguma maneira, em ser colaborador da campanha, uma troca de comando aqui seria importante”, declarou Haddad a jornalistas.

Porém, o chefe da pasta afirmou que, embora saia, tem indicado disposição para permanecer no posto até o fim de fevereiro, caso seja necessário para garantir a transição. A expectativa era que Haddad deixasse o governo até o início de abril para ser candidato ao governo de São Paulo ou a uma vaga no Senado. Ele, entretanto, tem afirmado em conversas dentro do governo e com amigos que não está nos seus planos uma candidatura em 2026.

Além da Reforma Tributária e da aprovação da isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil, ele tem defendido uma série de medidas para trazer mais justiça tributária. Sua saída deve abrir espaço para que o secretário executivo da Fazenda, Dário Düring, assumira a cadeira de ministro até o fim de 2026. **(Com informações da Agência Estado)**

TOMBO NA CADEIA

STF nega ida de Bolsonaro a hospital

» LUANA PATRIOLINO

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes negou, ontem, a transferência do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) a um hospital para que ele pudesse realizar exames. O ex-presidente sofreu uma queda, de

madrugada, na Superintendência da Polícia Federal, em Brasília, onde cumpre uma pena de 27 anos e três meses de prisão por liderar uma tentativa de golpe de Estado.

Após o acidente, a Polícia Federal afirmou, em nota, que Bolsonaro “recebeu atendimento médico após relatar à equipe de

plantão que havia sofrido uma queda durante a madrugada. O médico da Polícia Federal constatou ferimentos leves e não identificou necessidade de encaminhamento hospitalar, sendo indicada apenas observação”.

O caso foi divulgado pela ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro,

que afirmou que o marido teve uma crise durante a noite. “Como o quarto permanece fechado, ele só recebeu atendimento quando foram chamá-lo para minha visita”, relatou, nas redes sociais.

Moraes negou a transferência de Bolsonaro e solicitou que os advogados detalhem quais os

exames necessários, para ser avaliada a possibilidade de que os procedimentos sejam feitos no próprio Sistema Penitenciário. Determinou, ainda, que a PF anexe aos autos o laudo do atendimento médico realizado ontem.

“Dessa maneira, não há nenhuma necessidade de remoção imediata do custodiado para o hospital, conforme claramente consta na nota da Polícia Federal. A defesa, entretanto, aconselhada

pelo médico particular do custodiado, tem direito a realização de exames, desde que previamente agendados e com indicação específica e comprovada necessidade”, justificou o magistrado.

O Partido Liberal, legenda de Bolsonaro, declarou que é “inacabível” não permitir que o ex-presidente possa cumprir pena em regime domiciliar e que está “informado com o acidente ocorrido com Jair Bolsonaro na cela da PF”.